



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MARIA EDUARDA DE ANDRADE

**GÊNERO FEMININO NO FUTEBOL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: uma
revisão integrativa**

RECIFE

2023

MARIA EDUARDA DE ANDRADE

**GÊNERO FEMININO NO FUTEBOL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: uma
revisão integrativa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Educação Física, do Departamento de Educação Física, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Orientador (a): Prof. Dr. Henrique Gerson Kohl

Coorientador (a): Prof. Me. Júlio Ricardo de Barros Rodrigues

Recife

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Andrade, Maria Eduarda de .

Gênero feminino no futebol na educação física escolar: uma revisão
integrativa / Maria Eduarda de Andrade. - Recife, 2023.
45 : il.

Orientador(a): Henrique Gerson Kohl

Cooorientador(a): Júlio Ricardo de Barros Rodrigues

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Ciências da Saúde, Educação Física - Licenciatura,
2023.

1. futebol. 2. meninas. 3. educação física. 4. participação. 5. exclusão. I. Kohl,
Henrique Gerson. (Orientação). II. Barros Rodrigues, Júlio Ricardo de.
(Coorientação). III. Título.

370 CDD (22.ed.)

MARIA EDUARDA DE ANDRADE

**GÊNERO FEMININO NO FUTEBOL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: uma
revisão integrativa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Educação Física, do Departamento
de Educação Física, da Universidade Federal de
Pernambuco (UFPE), como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciada em
Educação Física.

Aprovado em: 04/05/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Henrique Gerson Kohl
Universidade Federal de Pernambuco

Profª. Dra. Tereza Luiza de França
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Júlio Ricardo de Barros Rodrigues

RESUMO

O futebol é um esporte que cativa milhões de pessoas, todavia sua prática sempre foi escassa quando é direcionada para as meninas. No âmbito da Educação Física Escolar, a inserção das meninas nas práticas do futebol se configura um meio onde surgem conflitos de gênero que acabam por afastar as discentes de vivenciar esse Esporte. O presente estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura, de abordagem qualitativa, sobre o gênero feminino nas práticas do futebol nas aulas de Educação Física, cujo objetivou analisar as principais razões que incidem na baixa adesão do gênero feminino nas práticas do futebol na Educação Física Escolar. Desse modo, foram feitas buscas nas bases de dados do Periódico Capes, e Scielo para chegar aos seguintes resultados principais, que foram: a falta de habilidade, a rejeição por parte dos meninos, a omissão do professor, estereótipos, como também a caracterização de “esporte masculino” por ambos os gêneros, são aspectos mais relatados que incidem na baixa adesão das meninas nas práticas de futebol. Esses resultados fazem parte de uma construção histórica sociocultural do gênero, e não a partir de um viés biológico. Com isso, o professor como mediador, é relevante para desconstruir normas sociais refletidas nos alunos e, que os levam a reproduzirem no contexto escolar.

Palavras-chave: futebol; meninas; educação física; participação; exclusão.

ABSTRACT

Football is a sport that captivates millions of people, however, its practice has always been scarce when it is directed at girls. Within the scope of School Physical Education, the inclusion of girls in the practice of football is configured as a means where gender conflicts arise that end up keeping the students from experiencing this sport. The present study is an integrative literature review, of a qualitative approach to the female gender in football practices in Physical Education classes, which aimed to analyze the main reasons that affect the low adherence of the female gender in football practices in School Physical Education. In this way, searches were made in the databases Capes Periodical and Scielo to reach the following main results, which were: the lack of ability, the rejection by the boys, the omission of the teacher, stereotypes, the characterization of "masculine sport" by both, are aspects that incur in the low adherence of the girls in the football practices. It is concluded then, that these results are part of a historical sociocultural construction of gender, and not from a biological bias. With that, the teacher as mediator is relevant to deconstruct social norms reflected in the students and that leads them to reproduce in the school context.

Keywords: football; girls; physical education; participation; exclusion.

1	INTRODUÇÃO	8
2	REFERENCIAL TEÓRICO	12
3	METODOLOGIA	21
4	RESULTADOS	25
5	DISCUSSÃO	32
6	CONSIDERAÇÃO FINAIS	41
	REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho retrata a realidade de muitas meninas que se interessam pela prática do futebol, e aquelas que desde pequenas são direcionadas para outras práticas corporais longe das quais, culturalmente, são associadas as práticas masculinas, impactando nas possibilidades de experienciar as diversas manifestações da cultura corporal de movimento, e assim, que adentram na etapa básica de ensino, deparam-se com implicações frente a essas modalidades.

Durante minha experiência de vida sempre gostei do futebol, e, conseqüentemente, por ser uma menina fora do padrão social que dita que o futebol é um “esporte masculino”, vivi as formas de preconceito e discriminação por jogar bola, mais ainda, por jogar bola com meninos no meu tempo de infância. Já na minha adolescência, adentrei em um time de futebol amador, no projeto da minha cidade, porém, pude perceber a falta de apoio e visibilidade para com as meninas que jogam futebol, raramente, tínhamos apoio financeiro para materiais e vestimentas, tirávamos do próprio bolso para alugar espaços de treinos, pois a quadra era só liberada uma vez na semana para o treino.

Nas minhas aulas de Educação Física Escolar, pude perceber o quanto as meninas se afastavam do futebol, quer dizer, o “jogo livre”, dado que, o professor não tensionava suas aulas para os aspectos das dimensões da aprendizagem. Seguindo para minha experiência como acadêmica, no estágio, pude ainda perceber, como praticamente nada mudou em relação ao passado, observei situações concretas de exclusões, na aula de futebol, meninos jogando sempre futebol, enquanto as meninas se deslocavam para outros espaços com as bolas de vôlei, outras ficavam apenas sentadas conversando, como se fosse um intervalo, e o professor conversando com os alunos. Lembro-me de um episódio que me marcou, quando uma aluna foi perguntar ao professor o motivo das meninas não poderem jogar bola, o docente, simplesmente, falou que se os meninos deixassem elas jogarem, então elas poderiam ir.

Percebe-se como o professor contribui com a exclusão, quando o mesmo deveria possibilitar meios para a inclusão e a equidade de todos. Essas atitudes geram nas meninas o desinteresse e o pensamento de que aqueles espaços de práticas corporais não lhes pertencem, e que tudo está “normal”.

Posto isto, compreende-se Esporte como uma manifestação cultural que está presente no meio social, seja sua prática destinando-se a vertente do lazer, no cenário da saúde, no esporte amador, no âmbito profissional, dentre outras possibilidades que podem ser observadas em diversos momentos no corpo social qual habitamos. Embora fenômeno sociocultural, no Brasil, aproximadamente, até o século XIX, a inserção das mulheres nos espaços sociais foi

estreita, dado que, em torno daquela época, o contexto social tradicional se opôs quanto a participação do gênero feminino, visto a uma hegemonia masculina da sociedade que designava para a mulher o papel matrimonial e maternal (GOELLNER, 2005).

No que concerne ao futebol, há uma vasta quantidade de pessoas adeptas a sua prática, o que o torna um dos esportes mais populares do mundo. Todavia, a modalidade é dominada pelos homens mesmo com o aumento da inserção das mulheres no futebol, ainda assim, as meninas são uma população menor em contrapartida aos meninos na perspectiva de vivenciar a prática desse esporte (MARIANO; ALTMANN, 2016). Essa baixa quantidade de meninas na adesão à prática da modalidade justificar-se pela repressão social e cultural contra as mulheres no que tange ao avanço da sua participação no campo do futebol, em virtudes de aspectos associados as características do seu corpo e a designação de adjetivos que as caracterizam como pessoas frágeis (GOELLNER; KESSLER, 2018).

Goellner (2005) enfatiza no esporte nacional a diferença de acessibilidade de homens e mulheres nas práticas corporais ou esportivas em várias possibilidades que podem ser vivenciadas, como no esporte de rendimento, nas aulas de educação física na escola, quando essas práticas se dirigem para o lazer, também em outras circunstâncias observadas no ambiente social quais o gênero masculino tem mais participações. Borttolin (2011) realça essa diferença na exclusão das mulheres encontrada no quadro educacional, onde essa exclusão é evidentemente notada dentro do contexto do futebol.

No trato pedagógico do Esporte, há um um lado metodológico e sócio-educativo, que segundo Galatti e Paes (2006) o sócio-educativo, no ambiente escolar, remete-se a possibilidade dos alunos desenvolverem a reflexão crítica acerca dos conteúdos das aulas, permitindo que os mesmos se expressem, favorecendo a participação de todos, de modo que sintam-se incluídos, trabalhando a coletividade e a contextualização de relações nas aulas de esportes com a sociedade. Esses atributos são o que se espera na prática-pedagógica do professor de Educação Física. Contudo, enxerga-se uma abordagem bem diferente em relação as meninas e os meninos, reproduzindo o que habitualmente apresenta-se na sociedade (SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2002).

Nos estudos de Altmann (1998), Souza Júnior e Darido (2002) constatou-se a dominação dos meninos na ocupação das quadras comparados com as meninas. Também se nota essa ocupação no estudo de Jacoby e Goellner (2020) quando apenas uma única aluna frequenta a turma de futebol.

Nessa linha, Uchoga e Altmann (2016) notaram a participação não efetiva das alunas nos conteúdos, que o objetivo era trabalhar esportes coletivos nas aulas de Educação Física, os

autores deixam claro que estar presente na aula não significa o envolvimento para com a aula, tão pouco de participação proporcional.

Perante de um cenário provável em que as meninas atuam, tem envolvimento na prática do futebol no contexto escolar inferior em referência aos meninos, chega-se à problemática do trabalho da temática apresentada que se remete em: quais as principais dificuldades relacionadas a baixa adesão do gênero feminino nas práticas do futebol nas aulas de Educação Física?

Concordando com a visão de Kerne (2014), cujo o futebol, em sua maioria, se destaca frente as outras modalidades coletivas nas aulas de Educação Física, qual enfatizou que o uso do termo futebol em sua pesquisa abrange na perspectiva do jogar com a bola nos pés, não fazendo distinção entre o futebol ou futsal, já que ambas modalidades têm semelhanças, e os objetivos possuem o mesmo sentido na perspectiva do jogar. Tal como Schönardie et al (2023) que traz em seu estudo a expressão “futebóis” tencionando a reflexão para outros tipos de “futebóis”, além do conhecido mundialmente, hegemônico futebol de campo, os autores ponderaram a escrita dos termos “futebóis” e “futebol/futsal”, em razão do cunho da estrutura em relação aos espaços destinados à prática desse esporte, dado que nem todas as escolas possuem quadras apropriadas dessa modalidade, e de cunho político: associada as inúmeras manifestações práticas relacionadas ao futebol.

Esse estudo tratou também de não ter divergências entre essas modalidades no tocante a prática das aulas de Educação Física.

Logo, o trabalho buscou demonstrar o contexto excludente, de resistência das alunas frente ao futebol na Educação Física Escolar, apresentando como objetivo geral da pesquisa analisar as principais razões que incidem na baixa adesão/participação do gênero feminino nas práticas do futebol na Educação Física Escolar. Definindo como objetivos específicos: situar a prática do futebol pelo gênero feminino no meio social contextualizando as relações de gênero dirigidas à prática do futebol no contexto escolar; e identificar as possibilidades pedagógicas de ensino e aprendizagem do futebol à luz da tematização do Esporte nas aulas do Componente Curricular Educação Física.

Desse modo, o trabalho foi desenhado através da historicidade do futebol, adentrando na origem das mulheres no esporte, especificamente a modalidade tema do trabalho, dimensionando nas relações de gênero no contexto escolar e, nas implicações do Esporte futebol como possibilidade pedagógica de ensino e aprendizagem. Em seguida, apresentando aspectos que incidem na vivência/experimentação do gênero feminino nas práticas do futebol na Educação Física Escolar.

O Componente Curricular Educação Física possibilita que os alunos se desenvolvam integralmente e socializem-se por meios das vivências das práticas corporais que a disciplina oportuniza, quando essas experiências se limitam a uma pequena parcela de estudantes, e as aulas práticas ficam restritas apenas aos aspectos de gestos técnicos, no qual a prioridade da aula é na dimensão procedimental, imediatamente, estas ações não condizem com o que propõe os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p.19) na área da Educação Física escolar, que traz três princípios que direcionam a prática pedagógica da disciplina, dentre esses princípios, destaca-se a inclusão e diversidade, e a categoria de conteúdos, na dimensão conceitual, procedimental e atitudinal, inserindo os alunos na cultura corporal do movimento, permitindo que cada educando desenvolva suas qualidades, igualitariamente, com a finalidade de melhorarem como seres humanos.

Compreender as dificuldades relacionadas a baixa adesão do gênero feminino nas práticas do futebol nas aulas de Educação Física possibilitará que os profissionais da área reflitam criticamente acerca da sua prática pedagógica, buscando compreender as adversidades que favorecem para que as participações das alunas não sejam de fato concretas, mediando alternativas para que se tenha a legítima participação de todas nas aulas práticas de futebol, para além disso, de todos alunos em qualquer conteúdo prático, problematizando no espaço educacional o trato pedagógico da modalidade e as relações de gênero com a realidade cultural em que o aluno está inserido, possibilitando o ensino-aprendizagem, construindo relações sociais, de modo a causar reflexões a todos, permitindo assim o seu desenvolvimento total no ambiente educacional que se encontram, contribuindo para além do contexto escolar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Inserção do gênero feminino no futebol

Antes de adentrar no objeto central da temática, é necessário resgatar e compreender brevemente sobre a historicidade do jogo futebol, pois vai implicar na contextualização do gênero feminino e a prática desse esporte, que de antemão, nem sempre foi uma modalidade cuja vivência, experimentação, adesão foi autorizado a todos. Populoso entre as pessoas, tendo mulheres e homens aderentes à sua prática, observa-se o futebol praticado em diversos lugares, seja numa perspectiva competitiva, cooperativa, recreativa, ou da ludicidade, esse esporte esteve em constante desenvolvimento, passando por diversas possibilidades de jogar, ligado a um desempenho físico dos praticantes, com seus fundamentos técnicos e táticos que embasam o jogo (VOSER; GUIMARÃES; RIBEIRO, 2010).

2.1.1 Um olhar acerca da origem do futebol

Há diferentes panoramas da origem do futebol, Darido e Souza Júnior (2007) relatam na Idade Média, entre os séculos VIII e XIX, se jogava o *massfootball* (futebol de massa), no qual esse jogo tinha característica de ser bruto. Os autores pontuam outros lugares ligados a origem do futebol, introduzindo-se pela China, onde soldados chineses jogavam um tipo de jogo com os pés chamado kemari, no século I a.C., depois situa-se na Grécia, com o jogo epyskiros, cujo objeto central do jogo era uma bexiga de boi com areia remetendo a bola, também no século I a.C. Em Roma, um jogo chamado Harpastum, estruturando as primeiras táticas de ataque e defesa. Os mesmos autores, ainda ressaltam, que na cidade de Florença, na data de 1580, o jogo cálcio era praticado com suas regras.

Na Inglaterra, em torno de 1840, o futebol chega às instituições escolares, e por essa entrada no ambiente educacional a modalidade perde o aspecto violento de antes, introduzindo-se regras e competições (DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2007).

Voser, Guimarães e Ribeiro (2010) pontua que a Inglaterra corresponde ao cenário do crescimento do futebol. Os referidos autores enfatizam que foram os ingleses a classe pertencente que praticava o futebol em seus primórdios, pertencentes às elites paulista e carioca, e os brasileiros que tinham riquezas, visto que alguns materiais para a prática do futebol vinham da importação e possuíam alto valor no mercado o que contribuía para que apenas pessoas dessa classe dominante jogassem.

Guterman (2009) ressalta que houve a prática de pelada em desertos no litoral do Brasil pelos marinheiros estrangeiros, notoriamente, na data de 1864, como também indícios em 1874 e 1878, porém com a limitação de brasileiros. Ainda de acordo com Guterman (2009) o futebol era visto como um esporte de elite, e apesar de Miller ser o pioneiro do futebol no Brasil, coube ao brasileiro Oscar Cox, e o alemão Hans Nobiling organizar e estruturar o futebol no Brasil, pois segundo eles a formação de clubes deixariam o futebol vinculado no Brasil, não ficando apenas numa forma de diversão da aristocracia.

Percebe-se a partir dos autores citados algumas vertentes pertinentes a origem do futebol, fundada na adesão pelas elites da época, especificamente aos ingleses que compunham grande parte da burguesia, e brasileiros ricos, pode-se perceber que a prática do futebol mesmo sendo praticado pelas elites, eram apenas homens ricos que praticavam o futebol, e pioneiros da expansão da prática desse esporte, e quando o futebol passou a ser praticado até mesmo pelas pessoas pobres, ainda assim, o gênero masculino na prática do futebol era dominante. Desse modo, se faz necessário contextualizar as mulheres na prática esportiva, ressaltando na perspectiva do, e como está no contexto atual essa prática.

2.1.2 Contexto histórico e social das mulheres no esporte

Na cultura existe uma idealização de mulheres serem consideradas frágeis em comparação aos homens, do ponto de vista físico, além da diferença biológica e anatômica serem argumentos na designação do ser fraco que é a mulher (SIMÕES *et al.* 2003). Essas percepções perpassam em toda a esfera social, como a religiosa, econômica, política (BORGES *et al.* 2006).

No ano de 1896, as Olimpíadas foram trazidas pelo barão Pierre de Coubertin, e as mulheres não puderam participar, pois estava presente a visão de que as competições esportivas não eram viáveis para o corpo feminino, delimitando apenas o papel das mulheres a torcedoras e encarregadas de premiar os vencedores. (D'ÁVILA; SOUZA JÚNIOR, 2009).

Esses estigmas acerca das mulheres, foi favorecido pelo Decreto de Lei Federal n 3.199 de 14 de abril de 1941, do Capítulo IX, no Art 54. Qual consta a proibição de participações das mulheres em esportes não eram adequados a sua natureza (BRASIL, 1941). Percebe-se o discurso do corpo feminino não ser apropriado para a prática de esportes “masculinizados”. Pois o papel da mulher se remetia apenas o de ser esposa e mãe (GOELLNER, 2005). A autora também relata que apesar da proibição das mulheres em alguns esportes as mesmas resistiram e praticavam.

Foi a partir da primeira metade do século XX que as mulheres e o esporte competitivo tiveram uma relação proximal, sendo nas décadas de 50 e 60 que essa prática se fixou. (RUBIO; SIMÕES, 1999). Conforme os mesmos autores, as mesmas eram vistas como intrusas que ocupavam um espaço de predomínio masculino

Podemos contextualizar a visão das mulheres como intrusas, não apenas no esporte competitivo, mas em todos os campos de práticas esportivas que tenham as mulheres como participantes.

A participação das mulheres brasileiras dentro do esporte se expandiu desde o século XX (GOELLNER, 2005, 2006). A autora destaca a primeira mulher a representar o Brasil em uma competição olímpica, a nadadora Maria Lenk, nos Jogos Olímpicos, em 1932, fixando-se como um símbolo para o enfrentamento das mulheres brasileiras contra os preconceitos e discriminações no que toca as suas participações no meio esportivo, mesmo as mulheres brasileiras já tendo participações nos esportes. De fato, um marco histórico para a época citada, mas que, desde o passado até no momento presente, as formas de acesso das mulheres em relação aos homens nos espaços esportivos e nas práticas corporais possuem desigualdades, seja na vertente da gestão, administração, participação, nota-se a falta de reconhecimento dos Direitos Humanos das mulheres em busca de uma equidade na sociedade (GOELLNER, 2006).

Identificam-se nas falas dos autores, que para ter sua participação no esporte as mulheres enfrentaram situações difíceis, seja em qualquer cenário da prática, o que existe é uma luta constante delas para acabar com qualquer forma de preconceito e estereótipos, além da visibilidade para as modalidades femininas dos esportes tanto coletivos como individuais mesmo com o avanço da sua inserção no esporte e práticas corporais.

2.1.3 As mulheres e o campo do futebol

Quanto as mulheres no meio futebolístico, apesar de hoje em dia serem reconhecidas, e ter um avanço na modalidade do futebol feminino, contudo, ainda se encontram numa luta de mais visibilidade para seu devido reconhecimento. A sua inserção no futebol ocorreu bem atrasada em comparação aos homens, dado que sempre existiu uma relação de idealização social vinculando a masculinidade com a modalidade, enquanto as mulheres foram proibidas dessa prática por não ser apropriada para a sua natureza (GOELLNER; KESSLER, 2018).

Magalhães (2010) ressalta a participação das mulheres na prática do futebol, na Europa, a datar da Primeira Guerra Mundial, de 1914 a 1918, dado que os homens naquela época foram

lutar nas batalhas. A mesma ainda ressalta que desde o século XIX, o futebol feminino tem sua existência e demanda no seu reconhecimento como prática social.

Por mais que se tenha notícias da prática do futebol pelo público feminino desde os anos de 1970, no Brasil, o futebol feminino ficou estagnado (MOREL; SALLES, 2005). Seu início no Brasil foi através de mulheres pobres, diferente do masculino que surgiu a partir das elites, pois a burguesia intitulava que mulheres que jogassem futebol eram pessoas medonhas, além do mais, outro fator que contribuiu com que o futebol feminino não disseminasse foi o decreto de 1941 (MAGALHÃES, 2010) como citado anteriormente. Onde esportes que não eram condizentes com a feminilidade causariam uma masculinidade nas mulheres, o que ia ao contrário da suavidade, delicadeza, ser fraco, postura fina que o corpo feminino era caracterizado, podendo causar danos aos seus corpos (GOELLNER, 2006).

Então mediante a resolução n. 7/65, o Conselho Nacional de Desporto (CND) proibiu as mulheres de praticarem lutas, futebol, pólo aquático, pólo, rugby e baseball, em 1986, o CND reconheceu a relevância da prática de esportes pelas mulheres (DARIDO; SOUZA JÚNIOR, 2007; MAGALHÃES, 2010).

Conforme Magalhães (2010) algumas datas trazem o panorama das mulheres na prática do futebol na sociedade, na data de 1921, têm-se as primeiras referências de uma partida de futebol feminino, contudo, foi nas décadas de 1970 e 1980, nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo que as mulheres ampliaram sua prática no futebol, na década de 1980, o futebol feminino se institucionaliza no Brasil. Franzini (2005), ressalta a prática do futebol feminino a contar da década de 1980. Borges et al (2006) traz que a participação das mulheres no futebol se deu em 1979. Apesar da diferença mínima em relação a data, entende-se que os autores abordam essa prática do futebol feminino institucionalizado, com as regras da modalidade que embasam o jogo.

Embasando as colocações citadas, embora a prática do futebol pelas mulheres nas décadas anteriores a 1980 ter sido praticado de modo livre e casualmente, foi na data final da década de 1980 que teve o progresso da técnica, do crescente números de praticantes, avanço na organização e estruturas das competições, assim como o surgimento de novas equipes. (MOREL; SALLES, 2005).

A institucionalização do futebol praticado pelas mulheres produziu um desenvolvimento na aderência do futebol pelas mesmas. No ano de 1980, o time mais conhecido foi o carioca Radar, a partir das suas consagrações de vitórias em torneios internacionais foram os fatores para que outros clubes pelo Brasil se formassem. Contudo, no ano de 1988, o futebol feminino no Brasil ficou estático por alguns anos mudando esse quadro em 1991, onde a atenção

para o futebol feminino regressou, desde então, uma seleção brasileira feminina é criada para participar no Mundial da China. E foi no ano de 1996, que o futebol feminino foi introduzido como esporte olímpico nas Olimpíadas de Atlanta (MAGALHÃES 2010).

Nos anos 2000, continua a crescente conquista pelas mulheres no futebol feminino, em 2009, aconteceu a primeira edição das Libertadores Feminina, e no ano de 2019, os clubes iniciaram a formação de equipes femininas por causa da obrigatoriedade que determinavam que só poderiam disputar a Libertadores se houvessem time feminino do clube (GLOBO ESPORTE [s.d.]).

A seleção brasileira feminina mesmo que não se tenha uma sistematização de seu calendário e competições de imenso destaque, seus resultados satisfatórios a coloca entre as melhores equipes nacionais a participarem de competições organizadas pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) (GOELLNER; KESSLER, 2018). Além do mais, temos a jogadora Marta que faz parte da seleção brasileira, cuja foi eleita seis vezes a melhor jogadora e tendo destaque como a maior vencedora entre homens e mulheres (GLOBO ESPORTE, 2018). Essa é uma conquista em frente a masculinidade presente na sociedade, ao disseminar falas discriminatórias em relação ao seu corpo e comportamento, e caracterizá-las inferiores, como Goellner e Kessler (2018) retratam ao tematizar aspectos relacionados à história das mulheres no futebol brasileiro, no qual esportes apontados como violentos, tal como o futebol, eram vistos como causa de desonra para as mulheres.

O aumento da aderência do futebol pelo público feminino se deu por meio de organizações das competições internacionais (TEIXEIRA; CAMINHA, 2013). Porém, essas conquistas estão ocultas e quando retratadas, são mediante a um viés da beleza em relação a técnica do seu desempenho (GOELLNER, KESSLER, 2018).

Ademais, esses avanços e conquistas não inibem os preconceitos e discriminações vividas por todas as mulheres no mundo que praticam futebol e que até os dias atuais perduram, com discursos pejorativos, que implicam numa alegoria que mulheres não são propícias para a prática de esportes, como estereótipos no qual, refere-se a mulher jogadora a condição de homossexualidade e os riscos da bola atingir seus órgãos sexuais e prejudicar sua reprodução (GOELLNER, 2005), como podemos encontrar em falas ditas, no ano de 2018, do presidente do Tolima e do presidente do clube de futebol Steaua Bucareste conotando negativamente as mulheres que praticam futebol (MENDONÇA, 2018).

Pensamentos e linguajares desse tipo contribuem para que as mulheres não tenham seu pleno reconhecimento nos esportes que por muito tempo foram considerados danosos para o seu corpo, além que predomina um pensamento equivocado ao relacionar a orientação sexual

das mulheres com determinadas práticas corporais, como realça o machismo enraizado na nossa cultura, de que homem é superior, e mulher tem que ser apenas submissa.

2.1.4 Gênero e o futebol no contexto escolar

De suma relevância frisar que erroneamente o conceito de gênero é visto em uma ótica biológica. Embasando para esse estudo:

Como uma categoria analítica “gênero”, permite refletir sobre o caráter relacional dos sexos, evidenciando, sobretudo, que não é apenas o sexo biológico que estabelece diferenças entre homens e mulheres, mas, também, aspectos sociais, históricos e culturais. Desestabiliza, portanto, a noção da existência de um determinismo biológico cuja noção primeira afirma que homens e mulheres constroem-se masculinos e femininos pelas diferenças corporais e que essas diferenças justificam determinadas desigualdades, atribuem funções sociais, determinam papéis a serem desempenhados por um ou outro sexo (GOELLNER, 2006, p.32).

Quando se pensa na adesão as práticas do futebol no contexto escolar logo percepções acerca dos conflitos de gênero são surgidos, dado que o futebol condiz a uma prática social que na sociedade é vista como esporte masculino. A escola, se configura como um reflexo do contexto social, que em seu espaço limita o educando a um padrão normal do ponto de vista de uma sociedade conservadora (FRANÇA E CALSA, 2011).

Borttolin (2011) apresenta que a escola desde seu início é um dos ambientes que perpassa as desigualdades sociais pautadas nas diferenças, constrangimentos e distinções, separando meninas e meninos delimitando seus aprendizados de formas distintas. Foi comum na Educação Física escolar no Brasil as características de meninas serem suáveis, fracas em comparação aos meninos designados como robustos e dominadores quando se inseriu os esportes na disciplina, adjetivos que perpassam até os dias atuais. (FURLAN; SANTOS, 2008). Suas participações nas aulas de Educação Física são bem diferentes, num cenário onde a maioria das meninas têm sua participação restrita, sua relação de envolvimento com a disciplina acaba sendo bem inferior (JACO; ALTMANN, 2017).

Segundo Souza Júnior e Darido (2002) circunstâncias em que as meninas não têm as mesmas vivências dos meninos nas práticas da Educação Física influenciam em um afastamento e desmotivação em sua participação na disciplina.

No que trata sobre a dimensão das meninas nas aulas práticas de futebol na Educação Física escolar, Kerne (2014) evidenciou um aumento no interesse da maioria das alunas pelo futebol mesmo que ainda os meninos em sua maioria ocupem ambientes dessa prática. Essas

relações de desigualdades no ambiente escolar no que toca a prática esportiva, em especial, o futebol, é vista no estudo de Borttolin (2011) onde essas relações só sustentam a determinação dos lugares que cada um ocupam no ambiente escolar, seguindo apenas o que está pautado no sociocultural.

Conflitos de gêneros são comuns nas aulas práticas de Educação Física, meninos sentem-se ameaçados quando se tem uma menina habilidosa participando da aula, essa ameaça é vista ao levarem um drible ou perderem a bola para as meninas, acontecimentos que fazem com que ocorram insinuações que colocam sua masculinidade em jogo, como ser vergonhoso perder a bola para uma menina (JACO E ALTMANN, 2017).

De forma geral, existem dificuldades relacionadas quanto à participação das meninas nas aulas de Educação Física, em habitual na prática do futebol, as colocações dos autores deixam evidentes essa distinção quanto a prática de esportes, que esse estudo tratará de trazer de forma aprofundada os fatores pertinentes na prática do futebol.

2.2 A prática pedagógica do Esporte/futebol nas aulas de Educação Física

O componente curricular Educação Física envolve o diálogo entre o movimento do corpo humano com a dimensão cultural que os alunos estão inseridos quando se trata de trabalhar os mais diversos conteúdos que compõe a disciplina. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (2017) não se deve contextualizar as práticas corporais centralizando-as apenas numa abordagem dentro das aulas, mas nas diversas formas de saberes que possibilitem os alunos o seu desenvolvimento integral, pautados numa reflexão crítica, nos valores humanos, na sua socialização, autonomia, dentre outras possibilidades que os estudantes podem aprimorar. Porém, os conteúdos das aulas desta disciplina desde seu passado focalizam-se na dimensão procedimental (BARROSO; DARIDO, 2009).

A unidade Esportes é um dos eixos temáticos da Educação Física, dentro dessa unidade, encontra-se o conteúdo futebol, que muitas vezes é trabalhado pelos professores de maneiras distintas do que a BNCC traz, se resumindo apenas a um viés metodológico, que segundo Galatti e Paes (2006) o esporte na perspectiva metodológica compreende as vertentes das técnicas, das táticas, e os domínios físicos. No que toca o ensino-aprendizagem nos esportes muitas vezes esses aspectos metodológicos de alto rendimento são aplicados em aulas abstraindo o lado motor, da cognição, do relacionamento afetivo e as práticas corporais na perspectiva da cultura corporal que no decorrer do tempo os alunos alcançam e desenvolvem (REVERDITO; SCAGLIA, 2020).

Paes e Balbino (2009) citam quatros problemas que são encontrados no cenário escolar no que toca ao processo de ensino-aprendizagem na vivência socioesportiva que podem prejudicar o trato do ensino do esporte no sentido pedagógico: o da prática esportivizada, no qual as habilidades técnicas das modalidades se restringem apenas a repetição dos movimentos, no qual os alunos ficam privados de aprenderem coisas novas; o da prática repetitiva, onde os alunos de toda etapa da educação básica têm os mesmos ensinamentos práticos; a fragmentação de conteúdo, não há uma organização do conteúdo esporte, sendo ensinado sem um objetivo fundamentando; e a especialização precoce, acontece muito em ambientes formais e informais de ensino qual almejam a busca por talentos esportivos. Outro problema que evidencia bastante quanto ao ensino do esporte configura na meta de ter um ganhador, não importando a vivência do esporte (HIRAMA *et al.* 2014).

Para objetar esses problemas, Paes e Balbino (2009) ressaltam os quatros fatores visando a perspectiva pedagógica: o Esporte, o entendimento do fenômeno esporte, assimilando-o seu papel atenuante de educação; a sistematização de conteúdo; ponderar acerca das etapas de ensino e a diversificação, permitindo os alunos imergirem no esporte de modo a desenvolverem e experienciarem outros panoramas.

Fica bem nítido essa problemática do trato do Esporte no Componente Curricular Educação Física quando se pensa em integralização total dos alunos não apenas na perspectiva de participação, mas de uma inserção efetiva nas aulas perpassando por todo desenvolvimento nas dimensões pedagógicas como os autores citados trazem.

No Brasil, o futebol ensinado nas aulas de Educação Física Escolar se limita em sua maioria ao ensinamento de técnicas e ao simplesmente jogar por jogar (SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2010). A imagem que se tem da disciplina estende-se a um componente livre, aula de descanso pelos alunos na escola, nisso o conteúdo futebol automaticamente passa a ter um sentido de prática livre, sem aprendizagem do conteúdo temático, o que acarreta numa visão de que a Educação Física não é um espaço de intermédio para a aprendizagem do futebol (SILVA; RICHTER; PINTO, 2017) que ao ser trabalhado nas aulas de Educação Física apenas com o propósito de aprendizagem dos fundamentos das técnicas e táticas, favorece para que as meninas tenham sua participação limitada (VIANA, 2008).

Professores trabalham em sua prática-pedagógica o que está no exterior da escola, retratando as aulas de futebol na vertente do alto desempenho priorizando os resultados determinados na prática daquelas aulas. O que causa uma exclusão em alunos que não tem habilidades com a modalidade, assim como limitando as meninas a participar. (BALZANO *et al.*, 2020).

Concordando com as afirmações dos autores citados, as aulas Educação Física têm em sua raiz um viés tradicional, mesmo que hoje em dia tenha diversas outras abordagens que podem ser usadas para trabalhar com os conteúdos nas aulas muitos professores ainda abordam as aulas na ótica da técnica, trazendo o passado da disciplina que em sua história esteve vinculada em grande parte ao modelo esportivo de alto rendimento (SILVA, BRACHT, 2012). Nessa linha, já entende-se o contexto que as meninas são colocadas.

No trato do Esporte no ambiente escolar como fenômeno sociocultural, suas vivências devem ir além de aspectos técnicos e táticos das modalidades, visto que no esporte educacional se amplia um leque para as diversas manifestações de aprendizagem. O professor tem que proporcionar diferentes perspectivas do ensino aprendizagem para que os alunos tenham uma formação em sua totalidade (GALATTI; PAES, 2006). Assim possibilitando que os alunos desenvolvam uma reflexão das práticas esportivas acerca dos movimentos feitos nas aulas, para além disso, desenvolver valores e comportamentos adequados (BARROSO; DARIDO, 2009). Ou melhor, todo profissional da Educação Física deve ter em mente a perspectiva do esporte educacional (PAES; BALBINO, 2009) Os mesmos autores abordam uma estabilidade entre os dois referenciais da pedagogia do esporte, o metodológico e o socio educativo para a cumprir com as demandas das crianças, não apenas limitando-se a vertente metodológica.

Em face do exposto, e trazendo para a temática do estudo, o futebol como pertencente ao Componente Curricular Educação Física necessita ser contextualizado não apenas em uma dimensão de conteúdo, mas nas diversas dimensões possibilitadas na prática pedagógica oferecendo aos alunos a reflexão crítica no trato da modalidade, favorecendo sua formação total. (VIEIRA; LIMA; PEIXOTO, 2022).

Os autores enfatizam o quanto os professores quando estão em prática, em geral, objetivam suas aulas a um cunho tradicional, o que remete a disciplina no trato da sua especificidade ser vista superficialmente, na qual os conteúdos são trabalhados sem uma fundamentação de ensinar e aprender, o que causam várias adversidades quando se discute o processo de formação. Para isso, os autores abordam a pedagogia do esporte no ambiente de ensino como alternativa de romper com esse quadro, e que de certa forma, aporta os problemas advindos de participação nas aulas.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

Trata-se de uma revisão integrativa com propósito de mapear e sintetizar o conhecimento atual de uma determinada temática afim de responder uma questão de pesquisa.

Segundo Souza, Silva e Carvalho (2010) por ser descrita como uma ampla abordagem metodológica. Esse tipo de revisão possibilita:

a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado. Combina também dados da literatura teórica e empírica, além de incorporar um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico particular. (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010, p.103).

Logo, por meio da revisão integrativa o pesquisador familiariza-se com as produções acerca da sua temática, explorando por meio de uma investigação essas produções com a finalidade de conhecer a qualidade desses estudos produzidos em sua área de pesquisa, assim fazendo o pesquisador ir mais adiante, aprofundando-se para além da sua comodidade (RODRIGUES; SACHINSKI; MARTINS, 2022).

Apesar de ser muito usada para estudos na área clínica da saúde, a revisão integrativa também é usada em outras áreas de conhecimento, os autores citados do parágrafo anterior trazem a relevância da revisão integrativa atrelada a pesquisa qualitativa para a Educação pois assim:

o pesquisador compreende em profundidade sua área de pesquisa; pode verificar como a abordagem qualitativa se expressa nos estudos encontrados e desenvolve olhar qualitativo sob a revisão integrativa, visto que não apenas quantifica os documentos encontrados, mas os analisa, interpretando-os e desenvolvendo análise crítica sobre eles. Ademais, aplicando a sistematização de uma revisão integrativa (seguindo etapas e um protocolo), o pesquisador pratica o desenvolvimento do rigor metodológico que a pesquisa científica exige, aderindo à abordagem qualitativa com maior consciência e senso crítico (RODRIGUES, SACHINSKI, MARTINS, 2022, p. 11-14).

Ainda de acordo com Vosgerau e Romanowski (2014, p.179) a revisão integrativa é um método que dispõe da visão interpretativa das evidências achadas nos resultados, assim sendo, a revisão integrativa analisa ‘pesquisas primárias cuja origem dos dados podem ser tanto de ordem qualitativa quanto quantitativa, e seu foco de análise são as conclusões extraídas a partir da análise empreendida.’

Posto isto, na área da Educação, a revisão integrativa a partir da visão interpretativa das evidências identificadas tornar-se significativa, devido as diversidades dos dados, métodos, instrumentos de coletas, amostras, que o pesquisador encontra ao analisar os estudos, e, que dificulta a agrupação, integração dos resultados. Portanto “ os resultados qualitativos, bem como as condições de aquisição destes resultados necessitam ser agrupados e reagrupados de forma interpretativa por semelhanças para que possam responder à questão central de pesquisaproposta” (VOSGERAU, ROMANOWSKI, 2014, p. 179).

Conforme apresentado a respeito da revisão integrativa, sua significância também para a Educação, foi de suma importância para o desenvolvimento desse trabalho que está inteiramente relacionado com a área da Educação, especificamente, a Educação Física Escolar.

Apresentado um pouco do tipo de pesquisa que foi feito neste trabalho e sua relevância, faz-se necessário ressaltar, o procedimento de elaboração de uma revisão integrativa, que percorre seis etapas conforme Souza, Silva e Carvalho (2010, p.104-105):

1 etapa - elaboração da pergunta norteadora: nesta fase o pesquisador terá que definir sua pergunta que irá apontar “quais serão os estudos incluídos, os meios adotados para a identificação e as informações coletadas de cada estudo selecionado.”

2 etapa – busca na literatura: aqui, o pesquisador irá buscar em diferentes bases de dados, revistas científicas, dentre outros meios de acordo com os critérios estabelecidos, estudos relacionados com a sua pergunta norteadora.

3 etapa – coleta de dados: nesta etapa o pesquisador terá que usar um instrumento para extrair os dados dos artigos incluídos, esse instrumento terá que ser “capaz de assegurar que a totalidade dos dados relevantes seja extraída, minimizar o risco de erros na transcrição, garantir precisão na checagem das informações e servir como registro.”

4 etapa – avaliar criticamente os estudos: quanto a esta fase o pesquisador terá que analisar de forma minuciosa os artigos incluídos.

5 etapa – Discussão dos resultados: nesta fase o pesquisador irá confrontar os dados da análise e resultados do seu trabalho com outros pesquisadores da literatura.

6 etapa – Apresentação da revisão: Aqui o pesquisador irá apresentar sua revisão de uma forma objetiva e compreensível para que o leitor enxergue e avalie de forma crítica os resultados apresentados.

O estudo é de abordagem qualitativa, explorou-se estudos acerca da participação das meninas nas práticas de futebol na Educação Física Escolar, especificamente, as razões da sua baixa adesão/participação e/ou exclusão na prática desse Esporte, e a pergunta que norteou esse

estudo foi: quais as principais dificuldades que incidem na baixa adesão do gênero feminino nas práticas do futebol nas aulas de Educação Física?

3.2 Coleta de Dados

Para responder a problemática, foram realizadas buscas no Periódico Capes e na base de dados Scielo no período de agosto de 2022 a março de 2023, a partir dos descritores: “futebol” “Educação Física”, “escola”, “gênero”, “futsal” empregando o operador booleano AND para a combinação dos termos e refinar as buscas.

O uso dos termos para pesquisar foram feitos de acordo com a temática de trabalho, o problema que norteou esse trabalho, e os objetivos prontamente delimitados, para que assim o método de busca na literatura não fosse casual, potenciando assim a identificação de artigos que pudessem ter ligação com a temática deste estudo, trazendo mais essa especificidade com o uso do operador booleano AND na finalidade de as buscas serem ainda mais precisas com a interação entre os termos.

3.3 Critérios de inclusão

Artigos que abordam a temática em escolas do Brasil, no Ensino Fundamental e/ou Ensino Médio, específicos na língua portuguesa, artigos que trouxessem trechos/falas das alunas, também de meninas já formadas que tiveram contato com a prática do futebol nas aulas de Educação Física, artigos que tratam das questões/relações de gêneros no âmbito da Educação Física Escolar.

3.4 Critérios de exclusão

Artigos que o objeto de estudo centralizava as práticas do futebol fora do ambiente escolar, como escolinhas e programas de futebol, artigos que o foco são apenas voltado para o futebol na perspectiva do rendimento, artigos na vertente da Educação Infantil, artigos que a amostra contempla apenas o gênero masculino, artigos que a prática de futebol esteja apenas ambientado no contexto extracurricular, e trabalhos de conclusão de curso, teses e dissertações, artigos de revisões de literatura, e estudos que não têm trechos/ falas diretamente das meninas que apontam para a pouca adesão do futebol, estudos que sejam apenas opiniões.

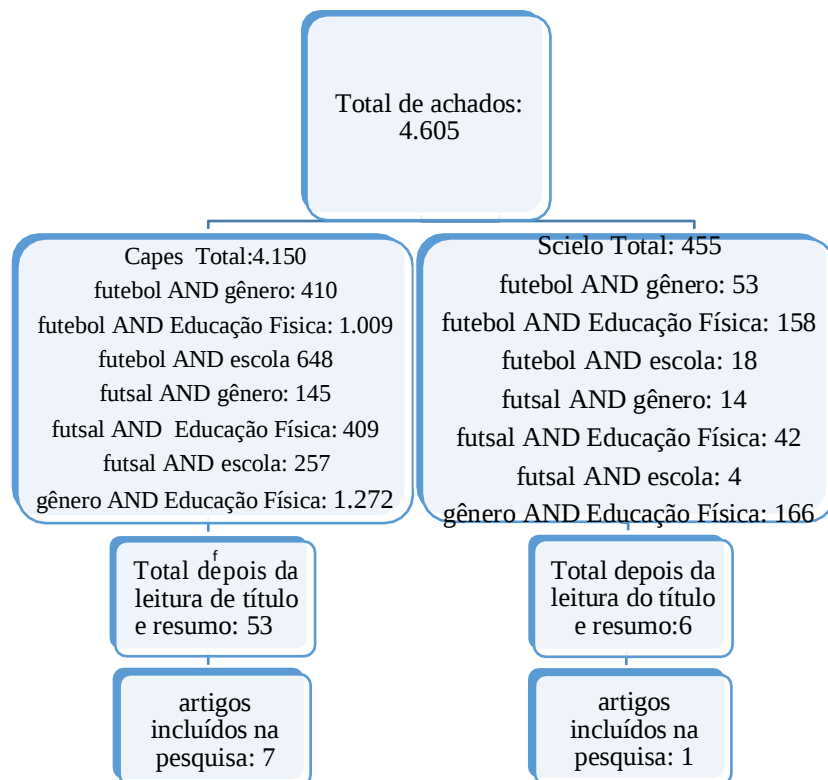
As escolhas dos critérios de inclusão e exclusão se pautaram a partir da problemática da pesquisa e os objetivos. sendo assim, os critérios de inclusão estabelecidos são relativos aos objetivos desse trabalho, uma vez que a temática foca nas práticas de futebol pelas meninas no ambiente das aulas de Educação Física escolar, ou seja, prontamente, os critérios de exclusão não se encaixavam nos meus objetivos para responder o problema de pesquisa.

4 RESULTADOS

O seguinte fluxograma traz a quantidade dos dados encontrados nas bases de dados que foram escolhidas para compor esse trabalho. O uso de dois descritores com intermédio do operador booleano serviu para chegar a estudos que pudessem ficar de fora, caso esses termos fossem agrupados todos de uma vez.

Foram identificados no Portal periódicos Capes (4.150), e no Scielo (455), esses artigos em primeiro passo, foram feitas leituras dos títulos, os que não foram selecionados diretamente para uma leitura aprofundada, posteriormente, foram feitas leituras dos resumos destes, os estudos que tiveram alguma relação com a temática do trabalho foram selecionados, e seguidamente lidos integralmente em busca dos dados que pudessem responder o problema. Para chegar ao resultado final da amostra do trabalho, os artigos passaram pelos critérios de inclusão e exclusão, restando assim 9 artigos, quais foram selecionados, inicialmente para a amostra. Foram feitas uma análise da qualificação das revistas desses artigos na Plataforma Qualis Capes, e a amostra final constituiu de 8 artigos, esses estudos possuem qualificação entre A1 e B3 no campo da Educação, e da Educação Física.

Fluxograma 1. Especificações dos passos acerca da busca realizada



Fonte: Autoral (2023)

O quadro abaixo representa as informações relevantes de cada artigo incluído a partir das buscas, como especificadas no fluxograma acima, e que compõem os resultados deste trabalho. Utilizou-se do instrumento em forma de quadro para extrair as informações pertinentes de cada estudo, para que assim, fosse possível analisar minuciosamente cada artigo e chegar aos resultados.

Quadro 1. Categorização dos artigos selecionados

Título do artigo/Autor(es) / Ano/ Revista de publicação	Objetivo	Metodologia	Amostra	Síntese dos resultados do artigo	Razões que incidem em uma não adesão/participação
O sentido do futebol nas aulas de educação física. (Silva, Richter e Pinto, 2017). Revista movimento.	Investigar os sentidos atribuídos pelos alunos à prática do futebol na escola e fora dela.	Abordagem qualitativa e quantitativa, mediante questionário com perguntas abertas e fechadas.	Alunos(as) do 1º ao 5º ano do ensino fundamental e seus familiares.	Os dados apontaram como as experiências que as crianças formam com o saber e o aprender, constitui elementos anteriores e exteriores às vivências no espaço escolar.	Algumas não gostam da modalidade, frisado pelo sentimento de medo e dor. Percepção de que o futebol é “coisa de menino”

Título do artigo/Autor(es) / Ano/ Revista de publicação	Objetivo	Metodologia	Amostra	Síntese dos resultados do artigo	Razões que incidem de uma não adesão/participação
“Não torço pra nenhum time, não sei as regras e se me convidam pra jogar eu não jogo”: a relação das meninas menos habilidosas com o conteúdo futebol/futsal nas aulas de Educação Física. (Schönardie et al, 2023). Motrivivência.	Aborda as experiências de mulheres menos habilidosas com as aulas de futebol/futsal na Educação Física escolar.	Com base no aporte teórico/metodológico da História Oral foram realizadas dezoito entrevistas de forma remota, por meio da plataforma Google Meet.	Ex-alunas de escolas públicas e particulares que vivem nas regiões Metropolitana e Serra Gaúcha do Estado do Rio Grande do Sul, contemplando 18 mulheres, com idade entre 18 a 32 anos.	O desinteresse das meninas menos habilidosas no futebol/futsal e a resistência dos meninos em jogar com as meninas, são resultado de tecnologias de gênero que constituem não só os alunos e alunas, mas também os professores/as que acabam sendo agentes que contribuem para as normas sociais de gênero estabelecidas.	Falta da técnica e tática da modalidade. Resistência por parte dos meninos. Professor não incentivava.

Título do artigo/Autor(es) / Ano/ Revista de publicação	Objetivo	Metodologia	Amostra	Síntese dos resultados do artigo	Razões que incidem de uma não adesão/participação
Educação física, futebol e gênero: uma proposta de ensino a partir das relações de poder. (Nunes, et al, 2014). Pensar a prática.	Observar a configuração social e as relações de poder entre os gêneros a partir da experimentação e avaliação do futebol como proposta de ensino, nas turmas dos 4º e 5º anos do ensino fundamental embasadas no referencial teórico de Norbert Elias.	Pesquisa-ação e técnica de análise de conteúdo, de natureza qualitativa, e metodologia descritiva e interpretativa.	Seis turmas do ensino fundamental de uma escola pública do município de Cajamar (SP), sendo três turmas do 4º ano e três do 5º na, contemplando ao todo, 159 crianças: 83 meninas e 76 meninos.	O desinteresse sobre o futebol está relacionado à falta de habilidade motora, aos aspectos históricos e culturais.	Nesse estudo, foram citados a falta de habilidade, percepção de que o esporte é masculino, que é um esporte agressivos.

Título do artigo/Autor(es) / Ano/ Revista de publicação	Objetivo	Metodologia	Amostra	Síntese dos resultados do artigo	Razões que incidem de uma não adesão/participação
Condição juvenil, desigualdades de gênero e processos de exclusão nas aulas de educação física escolar. (Silva, 2021). Revista de ciências sociais.	Discutir como a condição juvenil das estudantes do ensino médio e as desigualdades de gênero afetam e conduzem meninas a um processo de exclusão nessas aulas.	Uso de entrevistas semiestruturadas	Sessenta estudantes do 3.º ano do ensino médio, em seis escolas públicas e seis escolas privadas de Pernambuco.	Estudantes têm suas experiências delimitadas por um processo de desigualdade de gênero que se sustenta na ausência da intervenção do(a) professor(a).	Preconceito relacionado a sua condição biológica Exclusão por parte dos meninos, Omissão dos professores

Título do artigo/Autor(es) / Ano/ Revista de publicação	Objetivo	Metodologia	Amostra	Síntese dos resultados do artigo	Razões que incidem de uma não adesão/participação
Questões de gênero na educação física escolar: uma análise nas zonas distritais de Rio Grande-RS. (Dias e Frizzo, 2021.) Pensar a prática.	Analisar como as questões de gênero são tratadas nas aulas de Educação Física da rede municipal de ensino da cidade de Rio Grande – RS, além de identificar o posicionamento dos professores e professoras sobre a temática gênero ser trabalhada nas aulas de EF.	Qualitativa de cunho exploratório/descritivo. Foram feitas entrevistas semiestruturadas e questionário.	Grupo de professores e professoras de EF; (6 professores – 4 mulheres e 2 homens). Grupo de alunos e alunas do 9º ano do ensino fundamental; de 5 escolas públicas municipais.	A escola ainda segrega e diferencia, pois, estereótipos, as opressões, divisões e diferenciações entre os gêneros se faz vigente. Dois grupos formaram-se por meio das visões diferentes dos professores acerca do diálogo da temática gênero nas EF: os pró-discussão e os contra discussão.	Não se sentem motivadas. Meninos não gostam de jogar com elas, não permitindo elas jogarem. Estereótipos.

Título do artigo/Autor(es) / Ano/ Revista de publicação	Objetivo	Metodologia	Amostra	Síntese dos resultados do artigo	Razões que incidem de uma não adesão/participação
A co-educação no ensino do futebol nas aulas de educação física a partir da perspectiva dos alunos. (Borges, 2018). Revista Kinesis.	Analisar as relações coeducativas, principalmente as de gênero, no ensino do futebol, nas aulas de Educação Física, a partir da perspectiva dos alunos.	Pesquisa de campo, utilizando um questionário como instrumento.	41 alunos (22 meninos e 19 meninas, com idade entre 11 a 16 anos) dos anos finais do ensino fundamental de uma escola da Rede Estadual de Ensino, da cidade de Forquilha/SC.	Meninos e as meninas consideram importante a coeducação no ensino do futebol nas aulas de Educação Física.	As alunas que não gostam e não participam do futebol disseram que preferem vôlei, que não sabiam jogar, e não jogavam bem. Falta de respeito dos meninos.

Título do artigo/Autor(es) / Ano/ Revista de publicação	Objetivo	Metodologia	Amostra	Síntese dos resultados do artigo	Razões que incidem de uma não adesão/participação
O interesse feminino pelo futebol na escola. (Maffei, Verardi e Carvalho, 2019); Revista Brasileira de Futsal e Futebol.	Apresentar a perspectiva de alunas do Ensino Médio sobre o interesse na prática do Futebol feminino nas aulas de Educação Física nas escolas públicas estaduais do município de Santa Cruz do Rio Pardo-SP.	Abordagem quantitativa e qualitativa. Utilização de um questionário misto, com oito perguntas abertas e parcialmente abertas.	47 alunas do 3º Ano do Ensino Médio de quatro escolas estaduais do município de Santa Cruz do Rio Pardo, Estado de São Paulo.	70% das participantes tiveram experiência com o esporte na escola. Em relação ao interesse foram alegados sentimentos como “gostar, achar legal e interessante”, os sentimentos negativos, como “não gostar e não agradar”, impedimentos por parte dos meninos e falta de colegas para jogarem juntas foram causas que as levam ao desinteresse.	As que se desinteressam pela prática, foram apontados: a falta de habilidade, lógica do esporte, oportunidades para jogar, tempo e cansaço ao praticar. Sentimentos negativos: como: “Não gosto / Não me agrada / Não curto”. Também um número menor de meninas afirma que os meninos não as deixam jogarem; a violência/masculinização do esporte. Algumas apontaram acerca de praticantes insuficientes.

Título do artigo/Autor(es) / Ano/ Revista de publicação	Objetivo	Metodologia	Amostra	Síntese dos resultados do artigo	Razões que incidem de uma não adesão/participação
Futebol: representações e práticas de escolares do ensino fundamental. (Macagnan e Betti, 2014). Rev Bras Educ Fís Esp	Caracterizar as práticas e identificar representações sociais de escolares sobre o futebol no âmbito das aulas de Educação Física Escolar	Pesquisa qualitativa de tipo etnográfico, utilizou-se observação participante e entrevistas semiestruturadas, além de questionário.	Os alunos foram da 5ª série/6º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Bauru – SP, composta por 29 alunos (13 meninos e 16 meninas), com idade entre 10 e 12 anos.	As mídias e a família são as integrantes fundamentais no que toca as representações dos alunos sobre o futebol, e a forma que a prática do futebol é desenvolvida na escola,	31,2% das meninas relataram que não gostam do futebol nas aulas de EF, 4 delas justificaram numa visão do futebol ser masculino; o fato delas nunca jogarem, e o pensamento inerente dos meninos de serem bons no futebol, e que eles atrapalham

Fonte Autoral: (2023)

5 DISCUSSÃO

Alguns professores em sua prática pedagógica no espaço das aulas da Educação Física Escolar se limitam a trabalhar apenas nos conteúdos dos esportes tradicionais, não que tratar dessa temática não seja de suma importância, porém, o que se encontra no chão da escola é o tratamento dado ao Esporte nas aulas de Educação Física sem nenhuma intenção de ação crítico-reflexiva, no caso do futebol, ou a modalidade baseia-se na perspectiva de esporte de rendimento, ou como jogo livre, o que implica no favorecimento de apenas um grupo: os que têm facilidade e conhecimento a respeito da modalidade. Em síntese, para aqueles que não possuem conhecimentos técnicos-táticos, nem que saibam alguns fundamentos básicos que embasam o jogo são escanteados para beirada da quadra e, os que são pertencentes a esse grupo, em sua maioria, reporta as meninas.

Os resultados na tabela supracitados, claramente, apontam para as situações de exclusões para com as meninas quanto as práticas do futebol, contextualizam as exclusões além das aulas da Educação Física escolar, apresentam os conflitos de gênero que emergem através dos esportes considerados “masculinos”, revelam as principais causas/fatores que intervêm na participação/adesão pelas meninas nas práticas do futebol, quais serão esboçados a partir daqui, e contextualizados com outros autores na linha da temática de pesquisa.

Nos estudos que compõe a amostra verifica-se que dentre vários aspectos colocados como impedimentos para a participação das meninas na prática do futebol, o fator habilidade, a caracterização de que futebol é “masculino”, a não aceitação dos meninos em jogar com elas foram os mais frequentes relatados, nota-se que cada um desses aspectos tem relação um com o outro, ou seja, os meninos não aceitam porque as meninas não tem habilidade para jogar a modalidade, modalidade que se configura ser de “homens”, logo, por estar determinada socialmente e culturalmente ao patriarcado, toma-se que apenas os homens são detentores de habilidades, uma vez que, desde crianças estão em contato com esportes coletivos, principalmente, o futebol.

Schönardie *et al* (2023), salientam que possivelmente, as meninas se afastam da prática do futebol em diversos locais, em razão da falta de habilidade com a modalidade, visto que na concepção dessas meninas, a técnica é inata aos meninos. Os autores deixam claro, que em razão de falta de possibilidades da aprendizagem da prática desse esporte, pois os meninos dominavam o espaço da prática do futebol, e decidiam quem podia jogar, ou sendo, as meninas eram colocadas barreiras na vivência no futebol, o que acabavam contribuindo na desmotivação delas em aderir o futebol. Ademais, a falta de aulas integradas na Educação Física, sobretudo

na questão de aprender os aspectos relacionados a técnica e tática do ensino de futebol e futsal implicavam em uma certa aflição por parte das meninas em realizar a prática, visto que não detinham da experiência desses aspectos, ponderavam que suas presenças prejudicariam os(as) que tinham facilidade para jogar.

Da mesma forma, a questão de habilidade identifica-se no estudo de Maffei, Verardi e Carvalho (2019) que trazem percepção das alunas do Ensino Médio sobre o interesse na prática do Futebol feminino nas aulas de Educação Física, em relação ao desinteresse das meninas pela prática do futebol, os autores trouxeram uma subcategoria negativa referente, nessa subcategoria faziam parte dos motivos: os sentimentos negativos, os meninos não permitirem que elas joguem, Outros motivos, e Praticantes insuficientes. Dentre esses “Outros” correspondem os fatores da falta de habilidade física, a lógica do esporte, oportunidades para jogar, tempo e cansaço ao praticar o futebol, na unidade de Sentimentos negativos, foram relatados em geral: não gostarem da modalidade. Em Nunes *et al* (2014); Dias e Frizzo (2021); Borges (2018) o fator falta de habilidade como desinteresse é ressaltado também.

Direcionando para o aspecto de associar o futebol a ser esporte de “homem”, e o pouco interesse das meninas com essa prática, dispõe no estudo de Silva, Richter e Pinto (2017) que aproximadamente, 5% dos alunos manifestaram o desinteresse pela prática do futebol nas aulas de Educação Física. No que toca as meninas, elas demonstraram terem um grande desinteresse, em que, o percentual de 39%, corresponde a, “mais ou menos” interesse na prática, e “não têm” interesse nessa modalidade. Além disso, no que se refere ao “não gostar”, uma das respostas das meninas se pautou na questão de um estereótipo que frequentemente é mencionado com relação a questão de gênero no futebol; de que o futebol é um esporte “masculino”. Essa questão equívoca de associar futebol como pertencimento ao gênero masculino também foi observado no estudo de (MACAGNAN, BETTI, 2014; DIAS E FRIZZO, 2021; MAFFEI, VERARDI, CARVALHO, 2019; NUNES ET AL, 2014; SCHÖNARDIE ET AL. 2023).

Fundamentando essa narrativa, Nunes *et al.* (2014) apresentam as atividades favoritas da sua população de estudo dentre as possibilidades de escolha dessas atividades nas aulas de Educação Física, no que concerne ao futebol, consistiu na prática que despertou mais o interesse dos meninos, por outro lado, as meninas se interessavam pelas brincadeiras de elástico, pular corda e a dança. Acerca das meninas não se interessarem pelo futebol, os referidos autores acima expuseram os motivos, quais alegações elencaram na concepção do futebol ser esporte “masculino”, a caracterização de inabilidade inerente as meninas, e, a designação de ser um esporte violento. Em Borges (2018) algumas meninas relataram não gostarem do futebol, em

razão de não saberem jogar, e o fato de chacotas para as mesmas na prática do futebol, enfatizando a modalidade vôlei como preferência. Também na pesquisa de Dias e Frizzo (2021), as meninas ao invés do futebol, optaram por outras modalidades coletivas: vôlei e basquete. No relato de uma aluna, a mesma ressalta que as meninas se sentem desmotivadas para participar do futebol, além que os meninos rejeitam a participação delas.

Em pese que toca a escolha por outras práticas corporais, o fato de as meninas optarem por uma modalidade não significa necessariamente que tiveram escolha, Jacoby e Goellner (2020) em seu estudo, acerca dos motivos das meninas para escolha em determinadas modalidades esportivas, apresenta que as vezes essa escolha decorre do fato de não terem possibilidades frente as opções, particularmente, quando essas meninas possuem pouca capacidade para determinados esportes, pois antes mesmo de escolher são afastadas.

Nessa linha, os meninos dispõem do esporte um mecanismo qual podem ter controle do ambiente escolar, por consequência, meninas procuram outras práticas distantes dos esportes para resistirem à dominação masculina e, assim conseguirem lugar nos espaços escolares (ALTMANN, 1999).

De acordo com o que foi exposto, percebe-se que as meninas se deslocam para brincadeiras que no sociocultural é adequada para o gênero feminino, visto que, a sociedade impõe a divisão de brincadeira para meninas e meninos, neste brincar as meninas estão apenas reproduzindo os que lhes são impostos.

As diferenças de pensamentos de cada alunos (a) vão de acordo com o ambiente quais estão inseridos e, que induz seus conceitos sobre a realidade qual fazem parte, é o que também Macagnan e Betti (2014) discorrem acerca do ambiente familiar como intermediação nas concepções dos seus filhos(as) na sociedade, essa intermediação também é vista em Silva, Richter e Pinto (2017), cujos ressaltaram que a família ocupou o topo quanto a mediação, influenciando os gostos, afeições dos seus filhos(as) nas experiências sociais.

Falando em Macagnan e Betti (2014) em relação as meninas que declaram não gostarem da modalidade, as razões foram diversas, desde o futebol ser algo masculino, como mencionado logo acima, a hegemonia dos meninos em serem os detentores de saberem do futebol, implicando em suas participações. Constatando, essa questão “do saber jogar” implica em conflitos entre os alunos, fundamentados em dois tipos de jogar, no qual os dos meninos é um jogo rápido, onde para eles jogar com as meninas simboliza inferioridade aos seus jogos, e das meninas um jogo lento, ou seja, estão relacionados ao que os alunos aprendem fora do contexto escolar. (BUSSO, DAOLIO, 2011).

À vista disso, as práticas de futebol não se estabeleceram como uma prática corporal em torno de seus espaços sociais (SCHÖNARDIE *ET AL*, 2023). Os mesmos autores ressaltam empecilhos como circunstâncias de preconceito ao longo da história, proibições, a não visibilidade e reconhecimento, impedimentos quanto a adesão da prática do futebol/futsal pelas mulheres.

Consequentemente, o passado condena o presente, nesse caso, as meninas, que se afastam das práticas do futebol, uma vez que, segundo os estereótipos que a sociedade dissemina em relação a mulher no esporte, essa modalidade pode transformarem elas em “mulheres masculinizadas”. Comentários desse tipo, de cunho preconceituoso atribuídos as mulheres são cada vez mais vistos conforme elas vão aderindo aos esportes que no padrão tradicional da sociedade são caracterizados “masculinos”, então, para essas mulheres, há grandes dificuldades e desafios ao se rebelarem contra aos padrões de gênero imposto do meio sociocultural, por isso, muitas vezes essas meninas se autoexcluem de atividades coletivas como o futebol.

No trabalho de Schönardie *et al.* (2023) o termo pejorativo “machorras” é associado as meninas. Esses termos de cunho negativos são constatados também, no estudo de Nunes *et al* (2014), cujas meninas foram estigmatizadas como “ruins de bola, sapatão e, macho fêmea”, atitudes que se configuram em uma maneira de excluir, padronizar a supremacia do futebol pelos meninos. Preconceitos também são vistos no estudo de Bezerra, Barreiro e Queiroz (2022), mesmo que por uma pequena parcela das meninas que praticam futsal (5%), frases como “quem pratica o futsal é homem”, “quem pratica futsal é mulher machona”, “que futsal é esporte de homem”, as chamam de homem por praticarem o futsal, que elas não sabem jogar bola, dentre outras falas colocadas na pesquisa. Termos encontrados na pesquisa de Altmann (1999) que é demonstrado o uso dessas palavras pejorativas quando em um momento, um menino se dirige as meninas chamando-as de “Maria-homem”, por estarem na quadra jogando bola, o que denota a uma asserção por esse aluno de que o futebol é esporte que apenas os meninos devem jogarem. Estereótipos em relação as meninas são vistos na pesquisa de Dias e Frizzo (2021) o que contribuem para as diferenças de participações nas aulas de Educação Física, muitas vezes as meninas não se cabem a autonomia da escolha de participação.

. Respalando, essas percepções são motivadas pela repetição da má interpretação do que os adultos manifestam, e que perpassam numa utopia sociocultural de meninos e meninas, o que faz que a incorreta transmissão de valores sociais afete nas relações de gênero, causando

nas meninas ausência de interesse e introversão a prática do futebol, atitudes, pensamentos machistas e preconceituosos por parte dos meninos (NUNES *ET AL*, 2014).

Atitudes preconceituosas e discriminativas para com as meninas não se remete ao espaço físico das aulas de Educação Física, desde o passado a hegemonia masculina é manifestada. Crianças são criadas e direcionadas para suas funções cada, o tratamento para meninos e meninas são diferentes, a literatura deixa claro que essas funções são designadas do ponto de vista biológico, anatômico.

Segundo o autor Silva (2021) os preconceitos outorgados a condição biológica das meninas, a rejeição dos meninos de participar em conjunto das práticas coletivas, a omissão do professor frente os casos discriminativos, desprezando a inclusão e integração das escolares foram os fatores em maior quantidade que influenciou a adesão das meninas nas aulas de Educação Física Escolar.

Reafirmando, a determinação distintas de lugares onde ocupam meninos e meninas decorre em razão do estigma, evidenciados no imaginário das pessoas, conferindo os meninos a capacidade física conforme seus movimentos motores estabelecidos no prisma biológico, e que na Educação Física Escolar é fixado como primordial no que concerne as práticas corporais desse Componente Curricular (SILVA, 2021). Ainda os autores contemplam que os motivos para que as meninas não aderem ao futebol talvez seja dos embates com os meninos em suas experiências, foram atribuídos aos meninos a associação de ser forte, e a ser violento, o preconceito deles para com as meninas, esses aspectos citados, em suma, foram os que fizeram as meninas não aderirem a prática do futebol.

Episódios de violência como forma de elucidar de quem pertence o espaço é visto em Rosa, Souza e Borges (2020) conforme o relato colocado pela observação dos autores, um aluno chutou a bola no rosto de uma aluna que estava no gol, o mesmo indagava que ela não sabia jogar. A professora chamou atenção para o mesmo, e afirmou que eles precisam aceitar a jogarem juntos com as meninas sem partir para o uso da violência. Mesmo assim, o menino continuou a propagar a violência, nesse caso, partindo para a verbal, ameaçando-a, a aluna ignorou e prosseguiu com o término do jogo.

Altmann (1998) traz essa resistência por parte das meninas contra os ataques de gênero para com elas, o fato delas não se intimidarem e baixarem a cabeça para os meninos, denotam o quanto elas buscam pela conquista dos espaços.

No estudo de Borttolin (2011) ressalta-se que as concepções divergentes dos meninos, por vezes a necessidade de atitudes das pessoas que estão naquele espaço serem fatores

contribuintes para as desigualdades e exclusões das meninas das atividades esportivas da escola pesquisada.

Diferente do que foi encontrado nos artigos que compõem o resultado desse trabalho quanto à pouca participação das meninas nas práticas do futebol, no estudo de Kerne (2014) que procurou analisar a situação atual do futebol feminino no ensino fundamental, trazendo a percepção das meninas acerca da prática do futebol, mostrou que a maioria das meninas que participaram da pesquisa tiveram alguma vivência com o futebol na Educação Física Escolar. Os autores constataram que meninas desse estudo se interessam e aderem ao futebol na escola. O mesmo praticamente mostra no estudo de Bezerra, Barreiro e Queiroz (2022), quais fizeram uma pesquisa em escolas públicas na cidade de Diamante-PB, evidenciou que as meninas (85,0%) manifestaram suas participações na prática do futsal das aulas de Educação Física, além do quê, as meninas (71%) relataram que há treinamento de futsal na escola, e 96,7% delas disseram que gosta do futsal ao ser ministrado em aulas, e que têm preferência por essa modalidade (100%).

Nota-se que esses casos são exceção dentre tantos outros que a literatura evidencia, isso vai de cada ambiente escolar, cada docente que ministra a aula, como ele aborda sua aula, metodologias usadas, se trabalha o conteúdo do ponto de vista da cultura corporal de movimento, também, necessário saber a configuração desses alunos ao seu redor, se os pais incentivam, se a escola incentiva, todas essas circunstâncias determinarão a percepção e o gosto pelas meninas em esportes.

Os participantes do estudo de Macagnan e Betti (2014) definem o futebol como uma prática com traz alegria, contentamento, divertida quando se está jogando com amigos. Também alegam que todos têm direito de jogarem, mas suas ações são opostas, não dando chances para as meninas jogarem, ignoram suas presenças, queixam-se delas se as mesmas não conseguem concluir uma jogada.

Porém, é de suma relevância refletir, se para essas crianças, principalmente, os meninos, o sentido de futebol estão numa vertente de prazer, satisfação, divertimento, por qual motivo, muitos meninos se contrariam em suas ações, designando a prática do futebol nas aulas de Educação Física a uma vertente apenas competitiva, levando o jogo demasiado a sério? É como se para eles, o divertir é sinônimo de ganhar, o ganhar está no triunfar, ser superior, o que remete a competir, e nesse competir as meninas não se encaixam, uma vez que, do ponto de vista dos meninos, elas têm limitação da capacidade física quanto ao futebol. Se faz necessário o cuidado nessas incoerências que os meninos reproduzem nas aulas de Educação Física,

causando conflitos numa prática de futebol que dever estar ligada as finalidades e objetivos desse Componente Curricular, mas que sofre em busca da sua legitimidade (MACAGNAN, BETTI, 2014).

Embasando, há uma dualidade no ambiente escolar, muitas vezes vistas na aulas Educação Física Escolar, principalmente quando o conteúdo se refere aos esportes, Schönardie *et al* (2023) assimilaram com base nos relatos das participantes que essa dualidade se perpassa na relação entre os(as) quem tem habilidade , e os(as) que tem pouca habilidade, o que expande cada vez mais as questões de desigualdades, nessa situação, as meninas que desconheciam a mecânica do jogo de futebol não tinham possibilidades de aprender e praticar o futebol, e aqueles cujos tinham facilidade de jogar, adentravam esses espaços ativamente desenvolvendo seus aspectos motores e suas ações técnicas e táticas.

Elucidando, esse fator de que somente aqueles que apresentam em seus aspectos motores facilidade para jogar encontram-se nos estudos apresentados nos resultados. Em Nunes *et al* (2014) repararam que apenas três meninas eram recebidas pelos meninos, justamente, essas alunas possuíam facilidade e capacidade motoras para jogar o futebol, o que gerava um conflito entre o grupo de meninos para determinar em qual equipe de futebol elas fariam parte.

Corroborando, Rosa, Souza e Borges (2020) ao observarem a aula de uma professora, no momento da separação para composição dos times, houve um impasse entre os meninos em decorrência de uma aluna da turma pesquisada que jogava bem o futsal, sendo assim, ela era disputada pelos meninos para estarem na sua equipe. Posto isto, os autores deixam afirmado que as meninas que são aceitas no futsal, são aquelas que possuem capacidade/habilidade motora para com a modalidade, se distanciando do padrão de percepção dos alunos, que indagam que meninas não sabem jogar.

As experiências das participantes em suas aulas de futebol na Educação Física, findaram na hegemonia cultural de que o futebol é apenas o sinônimo de homens, ocasionando fatores de exclusão e distanciamento das meninas com a prática do futebol, no mais, as que resistiram aos impedimentos, foram inquiridas tratos para adentrarem esses espaços, pautados nos elementos técnico e tático da modalidade, e mesmo assim, recorrentes circunstâncias foram inferidas, supostas as meninas acerca de sua sexualidade e seus corpos (SCHÖNARDIE *ET AL*, 2023).

Souza e Darido (2010) apontam para uma diversificação de conteúdos na Educação Física Escolar visando a inclusão, mas antes, necessita assimilar que Educação Física não se configura apenas a prática do esporte, mas numa ampla diversidade de práticas corporais

relacionadas nas dimensões conceitual, procedimental e atitudinal, contemplado o aluno integralmente.

O mesmo autor aponta em como o futebol pode ser trabalho na perspectiva didática-pedagógica, mostrando nove temas que podem ser utilizados para dar outra percepção do futebol, os temas segundo os autores são: as dimensões sociais do esporte: educação, participação e rendimento. A origem do futebol: do jogo ao esporte. Futebol e cultura popular: o esporte volta a ser jogo. Futebol no Brasil: da elite ao povo. Futebol e arte. Fundamentos técnicos do futebol. Futebol e ética. Futebol feminino e o seu contexto. Resgate de jogos da cultura popular: Roda inicial. Ou seja, uma sistematização para ser trabalhada proporcionando uma ampla gama de conhecimentos.

Outra questão exposta na literatura se encontra nas aulas mistas, muitos autores defendem as aulas mistas como forma de integrar as alunas na prática do futebol, outros são a favor da separação de gênero nas aulas de Educação Física, nessa questão, as relações de gênero entram em conflitos, pois é parcialmente apoiado por alguns, negado por outros, as justificativas vão desde a característica de um determinante biológico dos meninos, a uma participação rasa das meninas, centrada na sua exclusão dentro da quadra, por mais que elas estão no momento do jogo em quadra, poucas de fato se envolve na prática (MAFFEI, VERARDI, CARVALHO, 2019).

Dando continuidade sobre essa questão de aulas mistas, os mesmos autores citados acima, indaga da importância que o futebol tem de ser oferecido para todos e todas, visando igualdades, proporcionando oportunidades para essa prática ser vivenciada pelos alunos, já que, ao conhecer determinada prática corporal é uma grande chance de criar afeto por elas, porém, enfatizam também que a possibilidade de trabalhar com aulas mistas pode não ser uma oportunidades de condições de igualdade, visto que têm alunas que preferem jogar apenas com as meninas, por conta das diferenças biológicas (MAFFEI, VERARDI, CARBALHO, 2019).

No estudo de Borges (2018) há conflitos quando meninas e meninos tendem a jogarem juntos, as afirmações levam a um interpretação de que as meninas jogarem com os mesmos, não significa que as mesmas se engajam, envolvem-se de forma efetiva na prática do futebol, pelos depoimentos, as diferentes respostas levam a um impasse nesses conflitos, onde alguns meninos fazem rotulações quantos as meninas, gerando assim percepções por parte delas negativas em relações a eles. Ressalta-se também acerca de mudanças de regras falada por uns dos alunos, confirmando o que acontece na maioria de vezes nas aulas de Educação Física, meninas são excluídas, e só adentram a prática do futebol se houver modificação para a aula

continuar, o que não significa que são de fato incluídas, pois nem mesmo com mudanças de regras com intenção de instigar a participação das meninas, se concretiza. No trabalho de Godoi, Borges e Lémonie (2021) essas implicações das aulas mistas também são apresentadas.

Vários autores trazem metodologias para se trabalhar os conteúdos da Educação Física de numa perspectiva integradora, inclusiva, trazendo a cooperação, desenvolvimento, conhecer seus limites e saber respeitá-los, e etc. Aulas coeducativas é um dos modelos que visam a igualdade entre os alunos, dando oportunidades para todos (BORGES, 2018). Porém, tem que ter um olhar atento quando se trata de co-educação nas aulas de Educação Física Escolar, pois, mais do que apenas inserir as meninas em aulas mistas, se faz necessário pensar na equidade, com a finalidade do desenvolvimento integral dos alunos. (COSTA E SILVA, 2002).

Independente das escolhas. dos professores em trabalharem suas aulas de forma mista ou separadas, e, nas duas formas, fica a critério do docente contextualizar ou não as questões de gênero no âmbito de suas práticas esportivas. Porém, segundo Balzano et al (2020) “A verdadeira aprendizagem é aquela em que os saberes ensinados são reconstruídos pelos educadores e educandos que, a partir dessa reconstrução, tornam-se autônomos, questionadores e inacabados”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, voltando a problemática apresentada que se assentou em saber quais as principais dificuldades relacionadas a baixa adesão do gênero feminino nas práticas do futebol nas aulas de Educação Física, buscando a partir dos objetivos traçados identificar pontos que incidem para essas dificuldades. Por meio dos dados expostos nos resultados e aprofundados na discussão da presente revisão, compreender-se que as meninas encontram dificuldades e desafios quanto a sua inserção nas práticas coletivas nas aulas de Educação Física, especificamente, o futebol.

Fatores como falta de habilidade, o tratamento por parte dos meninos, e das próprias meninas que retratam o futebol como “esporte masculino”, o preconceito e discriminação pautados nos estereótipos de gênero, a grande rejeição dos meninos em não deixarem elas participarem, ou quando acontecem de jogarem juntos, os mesmos as ignoram em quadra, tornando suas participações rasas, a omissão do professor frente aos tensionamentos em suas aulas de futebol foram os principais dificuldades que incidem para um desentusiasmo, apatia das meninas em se afastar, não aderir as práticas do futebol, levando ao desinteresse, e conseqüentemente, a esse cenário excludente das meninas no futebol que tanto se observa nas aulas de Educação Física, como também em outros espaços do chão escolar.

Importante salientar que esses aspectos estão relacionados com a construção histórico sociocultural do gênero, não a partir de um viés biológico, em que a sociedade hegemônica dita a posição de homem e mulher por meio de diferenças sexuais como pode-se perceber, ou seja, as dificuldades encontradas pelas meninas na prática do futebol está intrinsecamente ligadas a construção cultural do gênero dentro de uma sociedade. Por isso, se faz relevante a presença do professor num caminho para a desconstrução do imaginário social de seus alunos que ainda se apoia nesse fator biológico para designar as desigualdades de gênero, contribuindo então, para que seus educandos desenvolvam a formação crítico-reflexivo em buscar de uma transformação social.

REFERÊNCIAS

A história do futebol feminino no Brasil. **Globo Esporte**, [s.d.]. Disponível em: <https://interativos.globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino>. Acesso em: 11 mai. 2022.

ALTMANN, H. Marias (e) homens nas quadras: sobre a ocupação do espaço físico escolar. **Educação & Realidade**, v. 24, n. 2, 1999.

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens da Educação Física**. 1998. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

BRASIL. Conselho Nacional de Desportos. Decreto n. 3.199, de 14 de abril de 1941: Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm. Acesso em: 11 mai. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017

BRASIL, Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: Educação Física. Brasília: MECSEF, 1998.

BALZANO, O. N; SILVA, G. F. da; MUNSBURG, J. A. S; MORAIS, P. H. N. Uma proposta "outra" para o ensino do futebol na Educação Física. **RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 12, n. 50, p. 614-623, 2020.

BARROSO, A. L. R; DARIDO, S. C. A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. **Journal of Physical Education**, v. 20, n. 2, p. 281-289, 2009.

BEZERRA, A. S; BARREIRO, F. M; QUEIROZ, F. A prática do futsal feminino nas escolas públicas da cidade de Diamante-PB. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 14, n. 60, p. 541-546, 2022

BORGES, C. N. F *et al.* Resiliência: uma possibilidade de adesão e permanência na prática do futebol feminino. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 105-131, 2006

BORTTOLIN, A. M. P. "Futebol também é coisa de menina": um estudo sobre o gênero feminino na escola. **Revista Univap**, v. 17, n. 30, p. 100-112, 2011.

BORGES, R. A. Z. Co-educação no ensino do futebol nas aulas de educação física a partir da perspectiva dos alunos. **Kinesis, [S. l.]**, v. 36, n. 2, 2018.

BUSSO, G. L; DAOLIO, J. O jogo de futebol no contexto escolar e extraescolar: encontro, confronto e atualização. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, p. 69-86, 2011.

COSTA, M. R. F; SILVA, R G. da. A EDUCAÇÃO FÍSICA E A CO-EDUCAÇÃO: IGUALDADE OU DIFERENÇA?. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 23, n. 2, 2002.

CRUZ, A. P et al. A mulher no mundo do futebol: participação nas aulas de educação física. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 13, n. 55, p. 581-588, 2021.

D'ÁVILA, L. B; SOUZA JÚNIOR, O. M. Futebol feminino e sexualidade. **Ensaio & diálogos**, Rio Claro - SP, n. 2, p. 36-47, 2009.

DARIDO, S. C; SOUZA JÚNIOR, O. M. **Para ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola**. Campinas: Papirus, 2007.

DIAS, T. M; FRIZZO, G. F. E. QUESTÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: uma análise nas zonas distritais de Rio Grande-RS. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 24, 2021.

Fifa The Best: Marta é eleita melhor jogadora do mundo pela sexta vez. **GloboEsporte.com**, 2018. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/fifa-the-best-marta-e-eleita-melhor-jogadora-do-mundo.ghtml>. Acesso em: 11 maio. 2022.

FRANÇA, F. F; CALSA, G. C. Gênero e sexualidade na formação docente: desafios e possibilidades. **Revista Sociais e Humanas**, v. 24, n. 2, p. 111-120, 2011.

FRANZINI, F. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

FURLAN, C. C; DOS SANTOS, P. L. Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade. **Motrivivência**, n. 30, p. 28-43, 2008.

GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Fundamentos da pedagogia do esporte no cenário escolar. **Movimento Percepção**, Espírito Santo do Pinhal – SP, v. 6, n. 9, p. 16-25, 2006.

GODOI, M; BORGES, C; LÉMONIE, Y. Atividades didáticas impedidas e dilemas de ensino nas aulas de educação física. **Trabalho & Educação**, v. 30, n. 2, p. 159-177, 2021.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.

GOELLNER, S. V. As práticas corporais e esportivas e a produção de corpos generificados. In: Soares, G. F.; Silva, M. R. S.; Ribeiro, P. R. C. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais**. Rio Grande: FURG, p.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.

GOELLNER, S. V.; KESSLER, C. S. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**, São Paulo, n. 117, p. 31-38, 2018.

GUTTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. 1.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

HIRAMA, L. K. et al. Propostas interacionistas em pedagogia do esporte: aproximações e características. **Conexões**, v. 12, n. 4, p. 51-68, 2014.

JACO, J. F; ALTMANN, H. Significados e expectativas de gênero: olhares sobre a participação nas aulas de educação física. **Educação em foco**, p. 155-181, 2017.

JACOBY, L. F; GOELLNER, Si. V. Educação Física e questões de gênero: motivos para a escolha de modalidades esportivas por estudantes do ensino médio de uma escola militar. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 32, n. 62, p. 01-19, 2020.

KERNE, F. Futebol feminino na escola: a perspectiva de alunos do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 6, n. 22, p. 278-284, 2014.

MACAGNAN, L. Del G; BETTI, M. Futebol: representações e práticas de escolares do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 28, p. 315-327, 2014.

MAFFEI, W. S; VERARDI, C. E. L; CARVALHO, B. J. de. O interesse feminino pelo Futebol na escola. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 11, n. 45, p. 507-514, 2019.

MAGALHÃES, L. G. Histórias do futebol. In: **Coleção Ensino & Memórias**, São Paulo: Arquivo Público do Estado, p. 192, 2010.

MARIANO, M.; ALTMANN, H. Educação física na educação infantil: educando crianças ou meninos e meninas?. **Cadernos pagu**, [S. l.], n. 46, p. 411-438, 2016.

- MENDONÇA, R. 2018 ou 1940? As mentiras já inventadas para acabar com o futebol feminino. **Dibradoras**, 2018. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/12/21/2018-ou-1940-as-mentiras-ja-inventadas-para-acabar-com-o-futebol-feminino/>. Acesso em: 26 abr, 2022.
- MOREL, M; SALLES, J.G.C. Futebol feminino. In: DaCOSTA, L.P. (Ed.). **Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física, atividades físicas de saúde e lazer no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.
- NUNES, H. F. P.; PIMENTA, T. F. da F.; CESANA, J.; DRIGO, A. J. Educação física, futebol e gênero: uma proposta de ensino a partir das relações de poder. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 4, 2014.
- PAES, R. R; BALBINO, H. F. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. **DE ROSE, D. et al. Esporte e atividade física na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, p. 73-83, 2009.
- ROSA, M. V. da; SOUZA, M. DE O; BORGES, A. M. Preconceito contra a mulher na educação física escolar no nono ano. **Revista Práxis**, v. 1, p. 102-117, 2020.
- REVERDITO, R. S; SCAGLIA, A J. **Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão**. Phorte Editora, 2020.
- RODRIGUES, A. S. P; SACHINSKI, G. P.; MARTINS, P. L. O. Contribuições da revisão integrativa para a pesquisa qualitativa em Educação. **Linhas Críticas**, v. 28, 2022.
- RUBIO, K; SIMÕES, A. C. De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Movimento**, Porto Alegre, v. 5, n.11, p. 50-56, 1999.
- SCHÖNARDIE, M. G et al. “Não torço pra nenhum time, não sei as regras e se me convidam pra jogar eu não jogo”: a relação das meninas menos habilidosas com o conteúdo futebol/futsal nas aulas de Educação Física. **Motrivivência**, v. 35, n. 66, p. 1-17, 2023.
- SILVA, J. K. da; RICHTER, A. C.; PINTO, F. M. O sentido do futebol nas aulas de educação física. **Movimento**, v. 23, n. 4, p. 1395-1406, 2017
- SILVA, M. S; BRACHT, V. Na pista de práticas e professores inovadores na educação física escolar. **Kinesis**, 2012.
- SILVA, T. A. A. da. Condição juvenil, desigualdades de gênero e processos de exclusão nas aulas de educação física escolar. **Civitas: revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 344–354, 2021
- SIMÕES, A. C. (Org.). **Mulher & Esporte: mitos e verdades**. 1. ed. São Paulo: Manole, 2003.
- SOUZA, M. T. de; SILVA, M. D. da; CARVALHO, R de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, p. 102-106, 2010.
- .SOUZA JÚNIOR, O. M. de; DARIDO, S C. A prática do futebol feminino no Ensino fundamental. **Motriz**, v. 8, n. 1, p.1-9, 2002.
- SOUZA JÚNIOR, O. M. de; DARIDO, S. C. Refletindo sobre a tematização do futebol na Educação Física escolar. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 16, p. 920-930, 2010.
- TEIXEIRA, F. L. S; CAMINHA, I. De O. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 265-287, 2013.
- UCHOGA, L. A. R; ALTMANN, H. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 163-170, 2016.
- VIANA, A. E. dos. Futebol: das questões de gênero à prática pedagógica. **Conexões**, v. 6, p. 640-648, 2008.

VIEIRA, J. J; LIMA, F. P. de; PEIXOTO, S. dos S. O futebol no campo das pedagogias críticas: a legitimação da Educação Física escolar a partir dos elementos da cultura corporal. **Conjecturas**, v. 22, n. 1, p. 657-686, 2022.

VOSER, R. C; GUIMARÃES, M. G. V; RIBEIRO, E. R. **Futebol: História, Técnica e Treino de Goleiro**. 2. Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 262.

VOSGERAU, D. S. R; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista diálogo educacional**, v. 14, n. 41, p. 165-190, 2014.

.

.

.

.